



# NADA COM NADA

*J.S.Ferreira*  
{ Mariana-MG }

O morango não é  
um losango,  
nem a bola é  
uma bala.  
Nem tudo  
o que rola  
rala.  
O que não esquenta  
esfria,  
o que não chora  
ria.  
A lesma não é  
uma resma,  
o alienígena não é  
um indígena,  
nem o síndico  
é um índico,  
nem o esfíngico  
é um faríngico,  
nem o bafo

é um desabafo,  
nem o epitáfio  
é uma impáfia,  
nem o feudo  
é um pseudo,  
nem o entusiasmo  
é um orgasmo,  
nem o capítulo  
é um título,  
nem o dirigível  
é infalível,  
nem tudo que lusco  
fusco,  
nem tudo que ofusca  
é fusca,  
nenhuma pedra  
medra:  
a vida é um suicídio  
e a morte,  
apenas o transporte.



**Pizzaria e Lanchonete Dom Silvério - Forno à Lenha**

⇒ FECHADA TEMPORARIAMENTE PARA MELHORIAS /// Fone: (031)- 3557-2475

PROJETO: Nas Sendas do Haicai

Oficina de Incentivo à Literatura,  
ao livro e à leitura realizada pelos  
Poetas do Jornal Aldrava Cultural

**HAICAIS PRODUZIDOS:**

*Maria das Graças P. Bazílio*

Noite fria  
Seren o cai  
Sobre o gramado verde

EJA - ENSINO MÉDIO - SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO.

*Cátia Elisângela S. de Freitas*

Beija-flor colorido  
Que se vê pelo vidro  
Sai da janela!

EJA - ENSINO MÉDIO - SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO.

PROFESSORA - *Aniquele C. Venturi*

Vento no rosto  
Traz triste lembrança  
De um desgosto.

EJA ENSINO MÉDIO - SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO

*Marcilene Ap. S. Teixeira*

Óh, cascatas lindas!  
Onde estão nossas  
Águas cristalinas?

EJA ENSINO MÉDIO - SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO.

*Delfina Aparecida Correa*

Noite fria  
Céu estrelado  
Lua brilhante.

EJA - ENSINO MÉDIO - SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO.

*Mariana Moreira de Sá*

As nuvens que se vão  
e o vento que te carrega  
Ao encontro da chuva.

EJA - ENSINO MÉDIO - SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO.

*Adriene de Fátima Pires*

Canto de pássaros  
Beleza sem igual  
No fundo do quintal.

EJA - ENSINO MÉDIO - SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO.

*Cinira Alves Costa*

Jacaré tá na lagoa  
Com vontade de nadar.  
Sai, que a lagoa vai secar!

EJA - ENSINO MÉDIO - SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO.

*Maria das Graças Rodrigues*

Árvore florida  
Perfume que exala  
De vida resplandecida.

EJA - ENSINO MÉDIO - SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO.

*Artúlia Inês - 8º ano*

Escrevendo haicais  
Flávia está inspirada  
Igual a chuva que cai

Centro Educac. SGRA - E. E. Moreira Santos - S. G. DO RIO ABAIXO.

*Monique Mara C. Alves*

A lua cheia  
A lua bela!  
- A lua? Apenas ela!

Centro Educac. SGRA - E. E. Moreira Santos - S. G. DO RIO ABAIXO.

*Professora Flávia*

Uma frondosa árvore solitária  
Penumbra no chão, no céu, no ar.  
Qual será vossa mortalha?

Centro Educac. SGRA - E. E. Moreira Santos - S. G. DO RIO ABAIXO.

*Izamara Camilo - 7º ano*

Nessa quadra  
Com lápis e papel  
Fiz um gol de Haicai!

Centro Educac. SGRA - E. E. Moreira Santos - S. G. DO RIO ABAIXO.

*Estevão - 8º ano*

Águas cristalinas  
E flores encantadoras...  
Um perfume no ar.

Centro Educac. SGRA - E. E. Moreira Santos - S. G. DO RIO ABAIXO.

*Wadison B. Rodrigues - 7º ano*

No jardim, muitas flores  
Na minha vida,  
Muitos amores!

Centro Educac. SGRA - E. E. Moreira Santos - S. G. DO RIO ABAIXO.

*José Matia Serapião*

Professores  
Nosso  
Resgate

EJA - E.M. Chico Severino - Santa Bárbara

*José Carlos*

Na Serra de Catas Altas  
Vai a natureza.  
Vem o progresso?

EJA - E.M. Chico Severino - Santa Bárbara

*Vagner*

Quando a gente acha  
que sabe tudo, vem a vida  
e muda nossas perguntas.

EJA - E.M. Chico Severino - Santa Bárbara

*Edilane*

Vento leve e inconstante  
Sopro no ar  
Brilha ao céu exuberante.

EJA - E.M. Chico Severino - Santa Bárbara

*Arlindo da Luz*

Vendo a bola rolando  
Bate saudade de meu  
tempo de criança

EJA - E.M. Chico Severino - Santa Bárbara - 2011

*Lucinária de Brito*

Tristeza estou sentido,  
Não queria estudar, mas  
poetas vieram me animar!

EJA - E.M. Chico Severino - Santa Bárbara - 2011

*Renato - Funcionário da UFU*

Leminski transcultura  
Aldrava, sem puxar saco,  
Ação Política.

Universidade Federal de Uberlândia - MG - 2011

*Mayane Meireles da Silva*

No meio do nada...  
Flores amarelas  
Prendem minha atenção.

Aluna da UFU-MG - 2011

*Belbânia Martins Mariano*

O outono chegou  
Agora só escrevo  
Haicai a céu aberto.

Aluna curso de Letras - UFU-MG

*Glória Sandes*

Hora do almoço:  
Faço um haicai  
Sem alvoroço.

UFU - MG - 2011

**12 ALDRAVIAS**  
de Marco Llobus

~ Belo Horizonte-MG ~

{ Para Gabriel Bicalho,  
carinhosamente chamado de *Bil Bicalho.* }

01	poeta nasce com saudades da vida	02	num jardim saciam-se verbos de luminescências
03	há na grama ramas garras amarras	04	caras são as pedras do caminho
05	os versus são versos! diversos servos	06	e um sabor escapa da palavra
07	ouro d'amante barroco sonho palavra amada	08	mestre ataíde traço cor virou palavra
09	e reflito-me o dourado desta aldrava	10	e bil dos mil galhos floreia
11	mariana encanta vila rica dos poetas	12	sumiê katana cabloquinho eita vila rica



**Computadores, acessórios, manutenção e rede.** Fone: 0-31-3832-1462  
**Av. Castelo Branco, 180-A - Centro - Santa Bárbara/MG.**



**TRANSAMÉRICA FM 92,5**  
 (031) 3832-2300 ou (31) 3832-1082  
 SANTA BÁRBARA / MINAS GERAIS



## Rumores Aldravistas

**J. B. Donadon-Leal**  
 Pós-Doutor em Análise  
 do Discurso / UFOP  
 jbdonadon@hotmail.com

Retomo o aldravismo como tema para debate nesta edição do Jornal Aldrava Cultural. Do nascedouro até agora, doze anos se passaram. Os rumores discursivos provocados pelo aldravismo já podem ser ouvidos em conversas literárias, especialmente no que tange ao reconhecimento dos processos metonímicos na construção dos sentidos. Vejo agora acertos na intuição da metonímia como processo de adjunção dos focos esparsos nas paisagens, para construção de sentidos específicos que se expandem, conforme a necessidade de aprofundamento requerida pelo objeto. A metáfora, em função de sua obviedade escancarada, a provocar o assassinato da reflexão, mereceu nosso desprezo. O texto, como envelope de discursos, também foi enunciado como apenas casca de alguma coisa que provoca significação. Em vez da busca das compulsões discursivas nos envelopes (nos textos) ou nas citações composicionais com que os textos se tecem, chamados de intertextos (textos que aparecem dentro de outros textos), que também assassinam a capacidade de reflexão, o aldravismo escapa dessa avaliação chinfrim, para escarafunchar os discursos densos que se escondem nas moitas metonímicas das insinuações, dos implícitos. É o caso da figuração própria da fala, que se deixa entender por insinuações que se completam por contextos numa superfície simples e observável. Um simples movimento dos olhos (um texto visual) porta um feixe de discursos ("Fulano acabou de chegar, que saco!" "Muda de assunto, fulano está vindo..." "É ele..." etc.), e esse feixe se expande se esse lampear de olhos encontrar recepção capaz de compreendê-lo para produzir respostas. É essa figuração constitutiva da fala que delega literariedade a qualquer texto, imputando nesse texto, a que chamo de literário, a propriedade de escapar do que não é literário, aquilo que se inscreve no estatuto da "fala séria", institucionalizada, burocrática. O mundo literário vai se construindo tão vastamente quanto o aumento populacional, pois o humano criativo não para de figurar e instalar-se como autor,

locutor e enunciador de discursos conservados e inovados. Cada ser humano em cada instante de vida alimenta-se de discursos recebidos e realimenta esses mesmos discursos com sua inovação. A via literária é básica nesse processo. O que não é literário aparece explicitado no "agora vamos falar sério". Tudo o mais é literário, ligado ao estatuto da liberdade, da porta aberta para os mais ousados ensaios de criatividade. É nesse contexto que o aldravismo não concebe a possibilidade da exclusão por mérito – o mérito dito qualitativo esbarra na escala preconceituosa do "bom" e do "ruim", resquício da milenar cultura cristã que inicialmente para angariar seguidores (bons) entre os pagãos (ruins), no segundo milênio para enfrentar o próprio dissídio reformista (bons e maus no próprio seio cristão) e atualmente para não se desmanchar diante das luzes científicas (bons os tementes a Deus, ruins os que negam em nome das explicações das ciências). Cada contribuição discursiva, registrada e arquivada nas memórias sociais, nos arquivos impressos e hoje nos virtuais, constitui um pontinho na grande constelação de ideias que faz mover as bocas de cada ser humano falante e ouvinte ao mesmo tempo e produtor incondicional de literaturas. A exclusão por mérito elege alguns como "bons" escritores e os empurra goela abaixo dos pobres mortais, igualmente produtores de literatura, mas sem café editorial para bancar sua clientela de leitores ou ouvinte. São esses cafetões que promovem, por exemplo, o prêmio cágado de literatura a eminências de grandes tiragens. Literatura é item a ser colocado em cesta básica ou na banca da feira a preço a preço de pastel. Literatura é alimento mais saudável que fritura. Rumores aldravistas já fizeram muita gente distribuir gratuitamente livros, promover saraus, oferecer oficinas literárias a crianças, jovens e adultos. Falta agora esses rumores atingirem o poderio editorial, para que o livro, para o qual não há impostos, tenha ao lado das versões de luxo, suas versões populares, para que todos os brasileiros possam ter o prazer acesso à literatura – não só a pasteis e celulares.

## PROJETO: Nas Sendas do Haicai

Oficina de Incentivo à Literatura,  
 ao livro e à leitura realizada pelos  
 Poetas do Jornal Aldrava Cultural

### HAICAIS PRODUZIDOS:

*Helton Luiz de Oliveira*

Toda uma vida, uma linha  
 Sentido do tempo  
 Fugindo do nada.

Funcionário da EDUFU – UFU- MG - 2011

*Fabrcio Ferreira*

Um dia claro  
 Um funcional:  
 Um dia, claro!

Aluno da UFU – MG – 2011

*Brenda Lourença Júnior – 5º ano*

Nas montanhas gerais  
 Vejo uma cara conhecida,  
 O sabiá me disse – É o Caraça!

Semana do Livro – Caraça – 2010 - E.M. Iveta Moreira Novais - SB

*Stefany – 10 anos*

A grama e o ar...  
 Cristo vai comigo  
 Onde quer que eu vá...

Semana do Livro – Caraça – 2010- E.M. Iveta Moreira Novais - SB

*Marcela Jesus Santos – 5º ano*

Cai flor  
 Como um beija-flor  
 Que traz meu amor!

Semana do Livro – Caraça – 2010 E.M. Chico Severino-SB

*Kézia Vitória – 09 anos – 4º ano*

Murcha flor  
 Com meu amor,  
 Leve embora, meu calor.

Colégio Providência – Mariana – 2010

*Gabriel – 4º ano*

Borboletas são como vento:  
 Umam voam muito rápido,  
 Outras lentas.

Colégio Providência – Mariana

*Maria Luiza – 2º ano*

O jardim do Providência  
 É um paraíso para  
 Qualquer criança!

Colégio Providência – Mariana – 2010

*Klysmann Cristian Martins da Silva – 12 anos*

Que lindo passarinho  
 De noite e de dia  
 Cantando em seu ninho

E.E. Desembarg. Horácio Andrade–O. Preto–Festival de Inverno–2009

*Yara Silva Tomé - 13 anos*

A natureza é uma beleza  
 Ela ajuda a pessoa  
 A ter coragem é certeza.

E.E. Desembarg. Horácio Andrade–O. Preto–Festival de Inverno–2009

*Douglas Henrique - 11 anos*

Vento que vem...  
 Vento que vai...  
 Agora é só a Paz!

E.E. Desembarg. Horácio Andrade–O. Preto–Festival de Inverno–2009





**Dra. ANA MÁRCIA M. S. ARAÚJO**  
**CROMG 33939** **Telefone:**  
**(31) 3557-1415**  
**Rua Frei Durão, nº 176 - Centro/Mariana-MG**



## As tantas Artes!

[ Aos queridos amigos e poetas Andreia e Gabriel com os meus parabéns. A melhor forma que encontrei para externar o meu sentimento foi... com poesia! ]

*Daladier Carlos*

(Rio de Janeiro-RJ)

Fazem tantas artes que penso  
 Logo existo para confirmar  
 As letras e as luzes flutuantes  
 Em mares de essências  
 Ou os lábios que declamam  
 A intimidade dos sonhos  
 Aquilo que, triunfante,  
 Torna a flor do Lácio  
 A tela exuberante das cores  
 Dos poetas aldravistas!

## Carro de Praça

[ Para Marquinho e todos os seus, nestes momentos de silêncio.]

*João Evangelista Teixeira*

(Ponte Nova-MG)

A gentileza das portas abertas, continua na alma,  
 abre os vidros limpos e transparentes,  
 viaja por outras estradas,  
 serenas, espalhadas  
 pelos caminhos contínuos, presentes,  
 e toca por dentro... acalma.

A gentileza dos cuidados, que eram sempre mais,  
 sonda as falas poucas e pacíficas,  
 firmeza na direção,  
 ato e ação,  
 pelos rumos das rotas específicas,  
 confiança de chegar, iguais.

A gentileza dos parceiros novos a cada dia  
 vive na saudade dos momentos,  
 abraça quem viajou  
 ou chegou,  
 pelos roteiros dentro dos pensamentos,  
 carisma completo de alegria.

A gentileza dos braços abertos do Criador  
 anima cada viajante na sua jornada,  
 trabalho árduo de chofer,  
 revestido de fé,  
 pelas rodovias, da imutável morada,  
 onde iremos após o labor.

## É Primavera

[ Para Andreia Donadon Leal /  
 Resposta ao poema Deserto em Mim. ]

*Carvalho Branco*

(Rio de Janeiro-RJ)

É primavera, amor...  
 As flores desabroçam...  
 Nas areias do deserto,  
 o vento sopra sem dó...  
 Nas palavras de meu verso,  
 derramam-se lágrimas de dor...

É primavera, amor...  
 E o perfume das flores,  
 delas as próprias cores  
 derramam-se em dissabores,  
 da noite na calada  
 sobre meu corpo,  
 minha alma despedaçada  
 e meu olhar já morto,  
 que busca seguir-me por onde eu for...

É primavera, amor...  
 Da corrente do meu Rio,  
 faço eu dela minha estrada  
 para as campinas de Minas,  
 para as terras e as águas de Minas...  
 Eis, amor, o meu destino...  
 A terra cede sob tremor...  
 Meus medos, minhas estimas  
 escoam pelo ralo  
 do eco de quando falo...

É primavera, amor.  
 Não te percas em tuas buscas  
 pelas outras estações,  
 pois és tu a própria flor;  
 em teu olhar, eis o sol  
 com que as vistas me ofuscas...  
 E quando chega o arrebol,  
 Tens a teus pés, corações  
 da gente destas cidades,  
 gente simples e a de vaidades...

Quando se semeia amor,  
 em cada canto tem flor...  
 Quando se dá carinho,  
 há sempre pássaros a cantar no ninho...  
 Quando se doa ternura,  
 para os males sempre há cura...  
 Se há deserto, é em mim;  
 em ti, tudo é jardim sem fim...  
 Não te percas em busca e na espera,  
 para ti sempre será Primavera!...

## Ouro Preto

*Cláudia Gomes Pereira*

(Ouro Preto-MG)

Torres, sinos, igrejas  
 A marcar a ferro e fogo  
 Olhares de velho e novo  
 Que sobre pés de moleques de outrora  
 caminham, sem par,  
 na história do ventre dourado.

Fruto-grão incandescente  
 da liberdade tardia  
 do amor inconfidente,  
 de negro sangue a banhar  
 saraus, luar, poesia.

Bernardo de sua janela  
 Acena à bela Marília.  
 Do outro lado da Serra  
 A doce gentil pastora  
 Grita, a berros plenos,  
 Que foi musa sem ser tola.

Beatriz, ei-l' aqui a entoar  
 Poemas de força e fé.  
 Não fala de igrejas,  
 Mas de como ser mulher  
 Sendo também poeta,  
 Sendo o que quiser.

Critilo dança ao léu  
 co' a transbordante Sinhá,  
 que do lixo sem perfume  
 Faz chapéus ao deus-dará.

Mascarar sua fortuna  
 Em pedras de cor tingidas  
 Em santinhos de pau-oco  
 Em poesia fingida...  
 Eis o mistério fecundo  
 da Ouro Preto divina:  
 Esconder-se é sua essência  
 seu tesouro, sua mina.

## Haikai

*Olegário Alfredo*

(Belo Horizonte-MG)

Lua cheia à vista  
 atrás da galha seca,  
 sombra surrealista.



**MC festas & eventos**  
*Ofereça o que há de melhor para seus convidados / MARIANA/MG.*

TRABALHAMOS COM FESTAS EM GERAL

⇒ 3557-1883  
 ⇒ 8841-1883  
 ⇒ 8757-1883

## Diarreia da Terra

*J. B. Donadon-Leal*

(Mariana-MG)

O mundo desceu  
 nas cinzas do vulcão  
 nobre nossas hortas  
 nobre as águas do guarani  
 nobre o magma  
 nobre o nadir

Eu impotente  
 não decolei o avião  
 não abri as janelas  
 não saí de casa  
 não acordei

Maldito vulcão  
 da diarreia da terra

## transplante

*andrea donadon leal*

(Mariana-MG)

surrado papel  
 na escrivainha empoeirada  
 manchado a marcador  
 e gotas de sal

com caneta de naquim  
 desenho  
 um  
 coração falido  
 no país dos homens

homem de lata  
 untado  
 metonímico  
 corre veloz  
 transplantado

## do espaço

*gabriel bicalbo*

(Mariana-MG)

falta espaço  
 nesta terra?

sobra espaço  
 nessa lua?

sobra espaço  
 pelo espaço?

[ só resposta  
 quem nos sonda ]

dou meu passo  
 para a lua  
 quando passo  
 pela rua

pois a lua  
 sabe a terra  
 que pisamos  
 nua e crua

dou meu passo  
 sobre a terra  
 que me falta  
 [ e a culpa é tua! ]

falta amor  
 falta irmandade  
 para que o humano  
 evolua

pois a terra  
 só faz guerra  
 esquecendo-se  
 da lua

dou meu passo  
 para o espaço  
 que nos falta e  
 apazigua

o da terra deveria  
 aprender a ver a lua

o da lua deveria  
 ensinar como flutua

pode um dia  
 o ser da lua  
 vir salvar  
 a vida tua!

## WANDA BRAUER

*Maria Amélia Amaral Palladino*

(Rio de Janeiro-RJ / 10/07/2011)

Haverá palavras para dedicar  
 à Mestra das palavras?  
 Haverá gestos para retribuir  
 seus gestos carinhosos?  
 Haverá flores que enfeitem  
 seu rosto imaginário,  
 sua alma incandescente?...

Não, Wanda, nada será bastante  
 p'ra cultuar sua memória,  
 reescrever sua história,  
 falar do amor que lhe temos...  
 Você foi luz radiante,  
 ternura contagiante,  
 em tão doces acolhidas,  
 e em poesias vividas...

Inesgotável lembrança,  
 seu nome foi esperança,  
 fé, amor, inspiração...  
 E aqui ficamos orando...  
 eternamente lembrando  
 deste " rio " que passou em nossas vidas...

## Poesia no Ar

*Jacqueline Antunes*

(Mariana-MG)

Escritor não tem solidão  
 Tem palavras para brincar  
 Palavra que busca do chão  
 Levanta no ar  
 O pássaro pega a palavra no bico  
 Rodopia com ela  
 Dá um tom de liberdade

Ganha nova cor  
 Muda o sentido  
 Livre  
 Voam

Pássaro e palavra  
 A ave volta  
 Devolve palavra renovada  
 Leve  
 Graciosa

O poeta a tem nos dedos  
 Coloca no papel  
 Poesia se faz assim  
 Poeta com alma de pássaro  
 Voo livre nas letras  
 Palavras soltas  
 Desenhadas no papel.

**Eletropolly Ltda.**  
Fone: (31) 3557-2787  
Rua 16 de julho, 334 - Centro - Mariana/MG

**ATELIER CACÁ DRUMMOND**  
FONES: (31) 3558-6767 OU 9967-6767  
Rua Dom Silvério, 303-Centro-MARIANA - MG

## NARCISO ACHA FEIO O QUE NÃO É ESPELHO: PARA UMA LEITURA DE A CONFISSÃO DE LÚCIO

José Luiz Foureaux de Souza Júnior  
/// Ph.D. / UFOP ///

O sentido ou, se preferirem, o escopo da busca da literatura moderna é substituir a instância da realidade (ou instância do referente), álbi mítico que dominou e ainda domina a idéia de literatura, pela própria escritura, não como "forma" pura, como foi concebida por uma estética da arte pela arte, mas, de modo muito mais radical, como único espaço possível de quem escreve.

(Roland Barthes, *O rumor da língua*).

Ao analisar *A confissão de Lúcio*, de Mário de Sá-Carneiro, julgo necessário lembrar inicialmente que o autor de *Dispersão* foi um dos mais ativos participantes do "Orpheu", grupo que buscou acompanhar os movimentos artísticos e literários vigentes na época em outros pontos da Europa, e publicou a revista de mesmo nome. Foram seus diretores Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, a partir do segundo número do periódico, na realidade o último publicado. *Orpheu*, a revista do grupo, pretendia – ou dizia pretender – apenas uma classificação de revista literária marcada por elevado nível artístico, que conjugasse o desejo de brilhos inéditos com a consciência da necessidade de qualidade intrínseca da obra literária. A proposta levou os novos autores ao desafio de uma originalidade espetacular e mergulhou-os no entusiasmo delirante de escandalizar a burguesia, prazer normal nessa geração marcada pelas tendências futuristas que pretendiam usar uma linguagem extrema e estranha, questionadora dos valores burgueses.

A opinião pública repeliu geralmente por instintiva defesa aquilo que lhe quebrava a linha tradicional de entendimento e lhe exigia participação ativa. Essa expectativa de participação destoava da tranquilizadora visão estética vigente na época, para quem o leitor teria apenas um papel passivo, de acordo com o conservadorismo português da época. A produção afirmada e insólita de *Orpheu*, aliada a prevenções e mal-entendidos, recebeu assim o repúdio dos leitores que, sem se aprofundarem no seu conhecimento, associaram-na loucura e desvario, num sobressalto disfarçado de riso. Ou então entendeu a revista como atuação política, tendo sido Sá-Carneiro o colaborador mais castigado pela opinião.

A primeira crítica publicada sobre *Orpheu*, em tom negativo e de censura, tinha apenas a intenção de escandalizar e via nos seus organizadores e participantes, "rilhafolescos": doidos com juízo. Projetada como arte independente, respeitando o princípio de não ter princípio algum, *Orpheu* exigia coerência interna das obras que publicava: valorizava os seus significantes e a sua organização, a sua construção textual. Na verdade, portanto, toda a atitude criticada nos integrantes do grupo derivava principalmente de sua preocupação confessa de não fazer senão arte, princípio da sua coesão como projeto. Essa arte que quer ver reconhecido o seu estatuto de arte, que usa a emoção mas ao mesmo tempo dela se distancia, em busca de elaborá-la conscientemente, não era coisa nova em literatura. Especificamente no romantismo alemão essa preocupação apresentou-se como característica de uma criação que se queria reconhecida como arte, o que significava marcar-se como o lugar ideal do encontro do tudo e do nada, do verdadeiro e do falso, do eterno e do efêmero.

Sintetizar essas contradições, o que seria também

uma preocupação do Futurismo, indicava oscilação constante entre subjetividade e objetividade e marcava distância entre autor e obra. Ao desnudar os processos utilizados na elaboração do texto, ou ainda, ao usar elementos que testemunham ser ele resultado de um trabalho consciente de criação, essa literatura fala de si e de seu tempo mas, simultaneamente, não diz o que diz. Pode comover ou escandalizar o leitor com o enunciado que lhe apresenta e que retrata o mundo em que ele vive. Mas ao romper declarada ou sutilmente a ilusão da representação da realidade, valoriza a arte com que elabora o seu texto, e também o seu receptor, visto como co-produtor, de quem dependerá afinal a existência da obra.

*A confissão de Lúcio*, romance publicado por Mário de Sá-Carneiro, poeta do "Orpheu", em 1914, um ano antes do aparecimento do primeiro número da revista, é uma novela que parece apresentar, através da fragmentação, a existência de questões que ficam sem resposta: repetição de silêncios intervalares, espelhamentos intertextuais como forma de dar consistência a essa outra voz, consciente de que tudo aquilo é material com que se constrói a obra de arte, cuja linguagem é plástica e maleável, criadora de um sentido provisório e impossível de fixar. As várias funções exercidas pelo narrador Lúcio na história – ele é ao mesmo tempo personagem narrador e receptor de outras obras – indicam a ambiguidade, inerente à linguagem, em que o significante desliza constantemente sob o significado, tornando impossível o estabelecimento de qualquer sentido definitivo. E também que o reverso (ou o complemento?) da criação é a destruição: Lúcio destrói no fogo sua peça *Brasas*, Ricardo mata Marta, sua criatura, o final da obra da americana coincide com a sua morte.

É interessante atentar, nesse sentido, para os enigmas irresolúveis do texto: Lúcio teria habitado uma prisão ou um manicômio? A apontada semelhança entre o juiz que o interroga e o médico que o trata de uma febre cerebral não indicaria que um deles (ou os dois) seria inverossímil? Teria Marta existido, ou seria ela apenas uma criação ficcional que camuflaria um relacionamento afetivo-sexual entre os dois amigos? Como se explicaria o seu desaparecimento simultâneo à morte de Ricardo de Loureiro? Seria preciso atentar, especialmente, para o fato de Lúcio ser uma personagem que narra a sua história a partir de uma memória sempre posta em questão, mas seria também um escritor de novelas, autor de peças de teatro e crítico de arte, espectador privilegiado do processo criador de outras personagens.

Estaria sugerido aí que a novela é uma criação ficcional, uma elaboração de linguagem, sem estatuto de verdade, desmistificando o sentido absoluto dessa obra, ficando com registro da existência de um grupo diferente, em que a amizade era um valor supremo, o que era realidade para o grupo de "Orpheu". Seria por isso relativizado o próprio conceito de amizade, vista então como impossível de ser vivida de forma a satisfazer o ser humano, o que pode ser trágico exatamente por lembrar a impossibilidade de realização integral dos desejos.

Atente-se, ainda, na novela, para os seguintes elementos que concorreriam para desmistificá-la como mimese e representação, acentuando o seu caráter de produção de que deve participar o leitor: a constante preocupação com os temas da representação, da criação, do fingimento; a presença de máscaras, espelhos, duplos (não seria Ricardo de Loureiro um duplo de Gervásio Vila-Nova?, e não seria Marta um duplo de Ricardo de Loureiro?); a preocupação do texto com reduplicação, desdobramento e ruptura da ilusão; a fragmentação de seu enunciado, o que poderia ser visto como mais um sinal de sua artificialidade, de seu caráter de ficção. Uma dessas "impossibilidades", apontadas a partir de um exercício de leitura, é a do homoerotismo. Todos os procedimentos narrativos e, mais, a recepção censória da crítica da época, podem estar apontando para esse "clima" favorável à leitura desse tópico. Ao desnudar os processos utilizados na elaboração do texto, ou ainda, ao usar elementos que testemunham ser ele resultado de um trabalho consciente de criação, essa literatura fala de si e de seu tempo mas, simultaneamente, diz

mais do que está dito. Pode comover ou escandalizar o leitor com o enunciado que lhe apresenta e que retrata o mundo em que ele vive. Mas ao romper declarada ou sutilmente a ilusão da representação da realidade, valoriza a elaboração do texto e o seu receptor, co-produtor, de quem dependerá afinal a existência da obra. Lida com a tragédia do sujeito, ser de desejo, que não consegue realizar ou permanecer na realização de seu próprio desejo.

Lembre-se, especialmente, que finalização, leitura, representação ou execução de obras de arte, na narrativa, coincidem com acontecimentos fundamentais do seu enredo, de forma a deixar no leitor a impressão de correspondência entre as obras concluídas na diegese e os episódios narrados ou, mais ainda, dúvidas quanto à verossimilhança dos fatos. As várias coincidências ou espelhamentos, presentes no texto, parecem confirmar essa idéia de que a obra se dobra sobre si mesma, utilizando os seus próprios elementos como material de sua própria construção: veja-se a "orgia de fogo" da norte-americana, com sua idéia da "voluptuosidade da arte", que é simultânea ao encontro de Ricardo e Lúcio; a conclusão da obra de Ricardo – o *Diadema* – que coincide com a união de Lúcio e Marta e embora se configure como o triunfo maior, representando metaforicamente a solução encontrada pela personagem para o problema de seu relacionamento afetivo, pode ser vista como registro do esforço e do tempo despendidos pelo "autor" na elaboração de sua obra. Veja-se ainda o título *Brasas*, que poderia referir-se ao relacionamento dos dois amigos, mas também ao calor e ao entusiasmo de uma obra que pretendia valer por si, independentemente de seu valor de mercadoria, determinado por uma sociedade interessada apenas no aspecto comercial da arte. Sem "tematizar" explicitamente o homoerotismo, em tudo e por tudo, os elementos metafórico-composicionais da novela alimentam essa possibilidade, a partir do mais genuíno envolvimento da narrativa finissecular.

Lembrem-se ainda de outras histórias contadas ou obras criadas pelas personagens e encaixadas *en abyme* no plano da narrativa, nela funcionando como espelhamentos que, junto às idéias de máscara e de duplo, sinalizam a divergência entre os diferentes planos da novela, que é apresentada assim numa perspectiva de jogo e de ambiguidade. Entre elas estaria a história tetricamente romântica contada por Gervásio Vila-Nova, artista que teria sido raptado aos dois anos de idade e cujos pais não podiam ser identificados com certeza. Estaria incluída também a narrativa de Ricardo, de seu encontro com as duas moças gentis em Paris. Estariam até histórias não contadas, como a da vida anterior de Marta e a do seu casamento com Ricardo de Loureiro. Estariam ainda as histórias torpes do amigo de Raul Vilar, com o seu desvendamento da vida íntima dos companheiros. Aparece, mais uma vez, quase como sugestão, a possibilidade de leitura do homoerotismo, ainda que sob o influxo de uma "triangulação", necessária para a liberação do veto moral finissecular, sobre o "amor que não ousa dizer o seu nome".

Em *A confissão de Lúcio*, há uma voz que diz "não" ao enunciado do narrador, desvelando a enganadora retórica com que o seu discurso é construído e o caráter instável e reversível de suas afirmativas, que se constituem como ficção. Embora envolva o leitor na trama construída a obra fornece lhe sinais de que faz paródia de si mesma na medida por exemplo em que apresenta um narrador com a consciência de ser também um primeiro leitor que se permite comentar e fazer digressões acerca de possíveis dúvidas sobre o que narra, ou marca a sua construção com imensos vazios num convite à participação do receptor. Nessa obra de Sá-Carneiro, a narrativa não estabelece um único sentido. Ao oscilar entre mimese e produção, entre comunicação e representação, ela acabaria por atribuir ao dito apenas um valor parcial e provisório, revelando-se assim como ato discursivo elaborado

CONTINUA NA PÁGINA 7...

# CONSULTÓRIO ODONTOLÓGICO ➡ FONE: 3557-1130 ➡ ➡ ➡

## Dras. ELIANE e REJANE BRANDÃO /// RUA ZIZINHA CAMELO, 06 // Sala - 04 = MARIANA/MG.

### CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6...

a partir dos pressupostos que, apesar de sua superfície tradicional, acabam por emaranhar-se em profundidades outras, até subversivas, uma vez que instituem a leitura como operador desse mesmo ato. A narrativa, em seu perfil metafórico, funciona, então, como sustentáculo do que, superficialmente, deseja recalcar.

A novela é estruturada em função do "eu" narrativo, ou seja, apresenta ponto de vista interno. O narrador subjetivo é acusado de homicídio, com todas as provas circunstanciais bem apresentadas. Mas só narra os episódios após o cumprimento da pena, que foi de dez anos, desenrolando-se então um fio narrativo bastante complexo: na festa da "americana louca" fica marcado como que um clima da alticeção sensorial, tensa, mas não é mais que um episódio que forma os sinais exteriores de uma impossibilidade entrevista; alegoria traduzida no "triângulo" do autor da "confissão", o eu do narrador; Ricardo de Loureiro e Marta; triângulo condicionado apenas ao sujeito que se define como incompleto e o círculo que se fechou e recomeça. Refaz-se a aventura de percorrer, de novo, o reconhecimento de um elo entre o eu, percebido, e o Outro, adivinhado; aceitando o perigo de confundir os limites proibitivos de ambos, reconhecendo-se como um morto que persiste, constituindo-se o desejo de que fala a própria narrativa. Como se pode perceber, as questões do inconsciente, motivadas pela análise da teoria freudiana, aparecem com uma complexidade inquestionável. Na verdade, deve-se ainda acrescentar que, no escritor, herdeiro do Simbolismo, a produtividade estética está centrada num processo de criação realmente instigante, pois tanto oferece questões ligadas à psicanálise, como ressalva no decadentismo finissecular.

Importa aqui, entretanto, voltar os olhos para *A Confissão de Lúcio*, novela cujo enredo se aproxima do existencialismo incognoscível, de forma extremamente única e original, da literatura de Portugal daquela época. Em verdade, a narrativa se organiza de modo descentrado, com elos oscuros e ambíguos, de tal maneira que a crítica tem procurado explicar o triângulo Lúcio-Marta-Ricardo em função, exatamente da teoria do duplo, sendo Ricardo o Outro de Lúcio e ficando Marta no meio, como ponte de ligação ou de conexão. Nesse sentido, uma poética do sujeito poderia ser considerada como aquela que é construída pelo discurso narrativo da novela de Mário de Sá-Carneiro. Esse discurso, por sua vez, abre espaço para uma leitura do homoerotismo, como já aventado aqui.

Sá-Carneiro se empenhou na busca de um significado novo, não apenas por deliberada tensão, mas sobretudo pela ruptura com o modelo já institucionalizado da narrativa naquela época, o modelo romântico-realista que se projetou no início do século XX. Tal modelo de narrativa centrada, com princípio, meio e fim, incapaz de ultrapassar os limites do Código, desarticulou-se por completo na ficção novelesca do grande escritor português, de tal forma que a sua complexa obra de ficção continua aberta a novos estudos. "É preciso continuar. Eu não posso continuar, eu vou continuar". Essas palavras de Samuel Beckett, que finalizam seu livro *O Inominável*, parecem ecoar quando da leitura de *A Confissão de Lúcio*, novela que embaralha com maestria as noções de autor, narrador e personagem, convida-nos a pensar também, na trilha de Rimbaud, nessa questão reinicidente na obra de Mário: a questão do sujeito. Entendido como um outro ("Je est un autre", dizia Rimbaud), o sujeito em Mário de Sá-Carneiro e, em especial, em *A Confissão de Lúcio*, parece dizer, desde o início, que é necessário que o sujeito se deixe perder, que é preciso continuar, que não se pode continuar, mas que, no entanto, vai-se continuar. Continuar o quê? Continuar sua confissão, continuar sua narrativa, continuar a demonstrar sua inocência, continuar o relato de sua verdade. "Mesmo quando ela é inverossimil", ele adverte. Sobre-

tudo quando ela é inverossimil, conclui-se mais tarde, ao finalizar a leitura. Por outro lado, é também da continuidade de uma "vida após dez anos de prisão" que essa confissão fala. Da continuidade de uma estranha vida, pois que esse sujeito já se declara, de antemão, como morto: "Morto para a vida e para os sonhos: nada podendo já esperar e coisa alguma desejando...". Esse é o primeiro parágrafo de um prólogo que parece ter a finalidade de situar o leitor nessa dimensão estranhamente familiar em que a história se passa, já assinala a presença da morte e, mais especificamente da morte do sujeito que ali se confessa. Na perspectiva que escolhi para desenvolver essas "especulações", a morte é também dupla, pois aponta para aquela que é enunciada no enredo e a que é "imposta" pela crítica. Morte dupla que aligeira o duplo recalçamento do homoerotismo, uma vez aceito o protocolo de leitura. Este, por seu turno, exige a consideração de um triângulo – Lúcio-Marta-Ricardo – como única saída para o veto imposto pela moral burguesa à "confissão", como já referido aqui.

Para além dessa morte, é preciso continuar, diz o narrador. Para além dessa morte, é preciso continuar a confissão. Para além dessa morte, é preciso continuar a leitura. E com que acontecimentos o leitor se depara, se continua a leitura? Com a morte de Ricardo de Loureiro, que determina o desaparecimento de Marta e, por sua vez, a morte em vida de Lúcio:

Morto, sem olhar um instante em redor de mim. logo me afastei para esta vivenda rural, isolada e perdida, donde nunca mais arredarei pé. Acho-me tranquilo sem desejos, sem esperanças. Não me preocupa o futuro. O meu passado, ao revê-lo, surge-me como o passado de um outro. Permaneci, mas já não me sou. E até a morte real, só me resta contemplar as horas a esquecer-se em minha face... A morte real apenas um sonho mais denso...!

A morte real é apenas um sonho mais denso. Portanto, num sonho menos denso, sabe-se, que o de uma outra espécie de morte – de que esse texto fala. Esse é o acontecimento que constrói a narrativa de Mário de Sá-Carneiro, a "confissão" de Lúcio. Esse é o acontecimento que se constrói no ponto mesmo em que o destrói, em que o faz morrer o sujeito. Ponto morto, o sujeito é esse "ponto de verdade" impossível – "inverossimil", Lúcio dirá –, em torno do qual todo o texto gira:

Antes, não quis porém deixar de escrever sinceramente, com a maior simplicidade, a minha estranha aventura. Ela prova como fatos que se nos afiguram bem claros são muitas vezes os mais emaranhados; ela prova como um inocente, muitas vezes, se não pode justificar, porque a sua justificação é inverossimil – embora verdadeira.

É sabido o quanto a questão da verdade é fundamental nessa novela de Mário de Sá-Carneiro, mas o que talvez essa novela de Mário acrescenta exatamente a essa conexão entre o sujeito e a verdade, que se permitiram vislumbrar ali exatamente onde faltam, onde não se encontram. Esse movimento paradoxal, em torno do qual parece girar toda *A Confissão de Lúcio*, constitui-se exatamente no movimento fulgurante do sujeito, tal como o compreende a Psicanálise. Radicalmente distinto do sujeito cartesiano: esse sujeito *ex-siste* a partir do acontecimento e não como causa deste. E é apenas na instância do discurso que podemos vislumbrá-lo, através do jogo de significantes que o engendram. É exatamente essa a concepção de sujeito encontrada na obra de Mário de Sá-Carneiro. É exatamente a partir de um acontecimento, de um evento, de um lance de dados que não abalora o acaso, que esse sujeito se constitui. Essa emergência do sujeito a partir de sua própria morte, ou, em outras palavras, seu aparecimento na cena discursiva exatamente a partir de seu desvanecimento, é passível de ser associado ao desejo erótico que no "triângulo", articulado narrativa, beira as raízes do homoerótico: limite recalçado pela moral vitoriana, pela crítica mais canônica. Ora, sabemos o quanto *A Confissão de Lúcio* tem a nos dizer sobre essa "hiância

primitiva do sujeito" e sobre essa constituição imagética de um suposto eu. É a própria trajetória do enredo, aquela que já nos é dada desde o início da novela, que nos dirá o quanto essa aparição de um eu se aproxima da morte. Afinal, a existência de Lúcio parece reduzir-se a isto: à "invenção" de Marta, à sua duplicação em Ricardo, para depois (só depois) encenarem-se as mortes de ambos, a partir da qual Lúcio emergirá como sujeito. E não é à toa que esse sujeito, supostamente sujeito de um "crime passional", vê-se, ao contrário, atropelado pelos acontecimentos que o assolam:

Demais, devo confessar, após os acontecimentos em que me vira envolvido nessa época, ficara tão despedaçado que a prisão se me afigurava uma coisa sorridente. Era o esquecimento, a tranquilidade, o sono. Era um fim como qualquer outro termo para minha vida devastada.

Despedaçamento, devastação. É assim que o sujeito, depois de sua morte, se apresenta. Não exatamente como um lugar vicário, como uma hiância, como um vazio, mas como um percurso em direção a esse vazio: despedaçamento, devastação, dispersão. Do esfacelamento ao vazio absoluto, um percurso se desenha. Da modernidade à contemporaneidade, a noção de sujeito ganha em vazio, ganha em hiância, em uma dimensão de engendramento de significantes. Mas antes é preciso que esse sujeito se destitua de toda e qualquer essência, que ele se despedace e se disperse, pela fragmentação ou pela multiplicação. Nesse sentido, a obra de Mário de Sá-Carneiro é exemplar por sua queda vertiginosa, pela estrutura abissal de sua obra e por essa encenação pontual de uma morte que determina o surgimento do próprio sujeito.

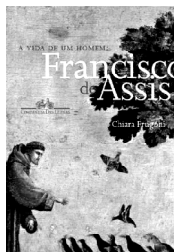
Pode-se considerar como acertada a ideia de que o suicídio de Sá-Carneiro se encenou em sua obra. O que talvez até hoje nos espante é que esse suicídio desmiadadamente ficcional tenha atravessado a esfera da ficção e se tenha feito encenar naquilo que o autor ironicamente chamaria "a vida". Talvez por isso, por essa morte tão reiteradamente, tão ficcionalmente encenada em sua obra, Mário de Sá-Carneiro a tenha sido capaz de fazer emergir, em sua poesia e em sua ficção, esse quase sujeito do inconsciente, sem intimidade, sem essência, sem corpo, sem substância, portador de um tempo outro, de uma lógica outra, mero efeito de significantes. Intervalar, o sujeito aguarda sua queda, sua morte definitiva. Entre duas mortes, aquela que ele encena em sua obra e aquela encenada na vida, aquela em que o sujeito se constitui e aquela em que o sujeito se dissipa definitivamente, eis o sujeito na obra de Mário de Sá-Carneiro; moderno com laivos decadentistas, anunciado, preconizado em sua obra. Poucos livros têm o destino dessa novela de Sá-Carneiro. A leitura requerida convida a uma aventura analítica e à necessidade de responder a algumas perguntas que talvez nem tenham respostas. Lúcio é um narrador irônico ou desvaivado? Como se explica a criação de Marta? Ricardo cria Marta para Lúcio ou para a sociedade? Numa escrita decadentista, excessivamente decorada de apelos sensoriais (veludos, cores douradas, perfumes, formas arredondadas, brilhos, vultos longilíneos), o leitor é levado a tentar decifrar uma construção sofisticada de linguagem, permeada de detalhes preciosos e enigmáticos. Para além de todas as ilações imediatas, esses "detalhes" apontam para uma sensualidade, em nada usual: sensualidade que é marcada por um veto moral explícito (já mencionado anteriormente); veto que se sustenta num triângulo imaginado, desejado mesmo, que não podia ser "vivido", não fosse a presença de Marta, vértice sintomático. O erotismo, que ressuma da crescente tensão sensual descrita, fala mais de uma aproximação entre dois amigos, não suportada nem mesmo no contexto parisiense finissecular, criada por Sá-Carneiro.

CONTINUA NO  
PRÓXIMO NÚMERO...



**TORNEAMENTOS MARIANA LTDA**  
Rodovia dos Inconfidentes, KM 108 - Bairro São José - MARIANA-MG

Telefones:  
(31) 3557-2126  
(31) 3557-1783



## SÃO FRANCISCO DE ASSIS E A HISTÓRIA CULTURAL

**Gerson Luiz Roani**

Professor Doutor / Coordenador do Curso  
de Pós-graduação em Letras da UFV

{ Para o José Luiz Foureaux,  
no seu aniversário (23 de julho) }



Ao retomar um velho artigo que estou a rabiscar sobre a hagiografia medieval (vida dos santos) na ficção queirosiana, encontrei dois textos particularmente instigantes que recomendo a todos os que se interessam pela Nova História Cultural, pela narratividade da história e pela biografia como gênero discursivo: *São Francisco de Assis*, de Jacques Le Goff, historiador de primeira linha e pesquisador da École des Hautes Études em Sciences Sociales e *Vida de um homem: Francisco de Assis*, de Chiara Frugoni, professora de Literatura e história Medieval nas Universidades de Pisa, Roma e Paris.

Esses dois estudos revisitam a emblemática figura de São Francisco de Assis, com seu ideal de simplicidade e de construção de uma ordem social impulsionada pela paz e pelo viver junto, apesar de e com as diferenças. Francisco de Assis foi um dos mais importantes personagens do seu tempo e da história medieval. Ele foi, muito cedo, aquele que, mais do que qualquer outra figura, inspirou inúmeros historiadores a fazer dele um objeto da história total, exemplar para o passado e para o presente.

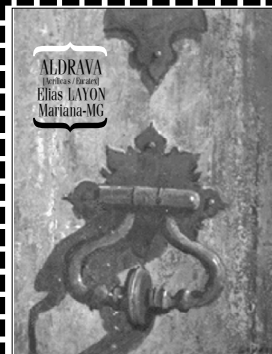
As duas obras lançam, no meu entender, as seguintes questões: Seria São Francisco de Assis a Modernidade para a Igreja e para a Idade Média? Como explicar ainda hoje a atualidade dessa figura que se tornou um verdadeiro mito cultural a impulsionar as artes, o cinema, a história, a política, o sagrado? Os dois textos instauram um sintoma comum que o leitor aprende imediatamente, pois as duas obras são excelentes exemplos da leitura afetiva e cúmplice, enredadora, pois a história se escreve como romance na pena dos dois estudiosos.

Francisco foi um ecologista na sua fascinação pela natureza, anticonsumista e antimaterialista na sua radical opção pela simplicidade, defensor da liberdade de espírito, da alegria, da vida comunitária, foi um feminista da primeira hora na relação com Santa Clara. Francisco Bernardone, jovem burguês, rico, filho de comerciantes italianos da cidade de Assis, mudou o conceito e a experiência do sagrado na virada do século XII para o século XIII. Foi também um comovedor exemplo de humildade e solidariedade, criador de um sentimento da natureza que antecipou em séculos a discussão contemporânea sobre a ecologia. Esse ideal de afeto pela natureza, um dos mais preciosos e populares legados franciscanos se exprimiu na religião, na literatura e na arte medieval. Os estudos dos autores em questão estabelecem um diálogo crítico de intersecção raramente encontrado nas humanidades, hoje. Dialogam, se confrontam, discordam entre si, mas se aproximam na convicção de que não é possível resistir ao fascínio dessa figura na qual o ideal humano de paz encontrou uma das suas mais belas expressões. O fascínio não anula a abordagem de aspectos controversos de São Francisco e da Ordem Franciscana. Com dedos certos, Le Goff e Frugoni refletem sobre a rejeição que Francisco empreendeu do saber e dos livros exatamente no momento em que nasciam as Universidades (Paris, Bolonha, Salamanca, Coimbra, Montpellier) e também sobre a condenação do dinheiro em plena transição da economia feudal. As duas obras lucidamente levam o leitor a perceber que Francisco, que pregava os pássaros, não rejeitava o conhecimento ou a riqueza, mas as estruturas de poder.

A atualidade do Pobre de Assis é impressionante. Ele condenou o horror econômico antes que um Pierre Bordieu o fizesse, ele anunciou a cultura hippie e alternativa dentro da sua opção pela paz e pela não violência, ele assumiu um intransigente anticonsumismo e minimalismo quando se despiu em público e deixou ao seu pai suas últimas vestes antes de assumir a estamena castanha da comunidade que ele denominou, em contraste com as veleidades do tempo, de os Frades Menores. O espírito franciscano bafejou a Idade Média de modernidade e pode ser discutido ainda hoje, em uma época, que não conseguiu vencer, na esteira da lição de Freud, a pulsão para a morte, para a auto-destruição, para a aniquilação do outro. O acompanhar atento da vida desse transgressor fascinante das estruturas do poder medieval faz perceber que a nossa cultura industrial, comercial, globalizada e multiculturalista permite apenas que se goste daquilo que se compra com dinheiro e que faz esquecer as alegrias mais puras e verdadeiras que estão af ao alcance da mão de todos. Francisco nos desafia impiedosamente através das escrituras de Le Goff e de Frugoni.

É inevitável ao final da leitura dessas duas obras magistrais não dar espaço para uma consideração, seguida de uma pergunta: Na nossa contemporaneidade grassa o erro fatal de julgar que, quanto mais se possui, tanto mais e melhor se vive. Quantos existem que são literalmente possuídos por aquilo que possuem? Imperfeitamente respondo, com base na lição - e é disso que se trata - que a ingenuidade, singeleza e mesmo a loucura de Francisco foram aparentes. Seu ideal humano de liberdade deixa entrever um estado social novo. Lembra ainda que a felicidade do ser humano, a paz e a alegria de sua vida não se encontram no dinheiro, nem na ciência, nem na força, mas na vontade reta e sincera de paz.

Paz e Bem para o Foureaux e para todos!



**Leia:**

Ponto de Distribuição do  
Jornal Aldrava Cultural:  
Escritório de Advocacia  
Roque Camello  
Rua Guajajaras, 43  
Conjunto 04 - Centro  
Belo Horizonte - MG  
Fonc: 3273-9080  
(Das 12 horas às 18 horas)

**Jornal Aldrava Cultural**  
[ Contatos ]

**GABRIEL BICALHO**  
gabicalho@terra.com.br

**ANDREA DONADON LEAL**  
deidonadon@yahoo.com.br

**J. B. DONADON-LEAL**  
jbdonadon@hotmail.com

**J.S.FERREIRA**  
jsferreira@bol.com.br

Expediente:

ISSN 1519-9665



**aldrava**  
CULTURAL

EM CIRCULAÇÃO DESDE  
NOVEMBRO DE 2000

E-mail: [jornalaldrava@bol.com.br](mailto:jornalaldrava@bol.com.br)  
Site: [www.jornalaldrava.com.br](http://www.jornalaldrava.com.br)

Editado por:

**ALDRAVA LETRAS E ARTES**  
CNPJ 04.937.265/0001-71

**Presidente:**  
GABRIEL BICALHO

**Vice-Presidente:**  
J.S.FERREIRA

**Secretária:**  
HEBE RÓLA

**Diretor de Arte:**  
CAMALEÃO

**Diretora de Projetos:**  
ANDREA DONADON LEAL

**Conselho Editorial e Fiscal:**  
J. B. DONADON-LEAL // (Presidente) //

ANDREA DONADON LEAL

GABRIEL BICALHO

GERALDO REIS

HEBE RÓLA

J.S.FERREIRA

JOSÉ LUIZ FOUREAUX DE SOUZA JR.

**Tesoureiro:**  
J.S.FERREIRA

**Jornalista Responsável:**  
THIAGO CALDEIRADA SILVA

Reg. Profis. DRT-MG - 13894/MG

**Assessor Jurídico:**  
GERALDO REIS

**Assistência Contábil:**  
SERVCON - Serviços Contábeis

**Webmasters:**  
RODRIGO MAGNO CAMELO REIS

MÁRCIO JOSÉ BARROS

**Endereço do Jornal:**  
CAIXA POSTAL Nº 36

CEP-35.420-000 - MARIANA (MG)

**Desenho / Igrejas:**  
LÉLIO

Revisões e conceitos emitidos em artigos,  
poemas e colaborações diversas são de inteira  
responsabilidade dos respectivos autores.

\*\*\*\*\*

Desenho: ALDRAVA - José Wash Rodrigues

Impressão: Editora Dom Vigeo - 3557-1233

